

O PAPEL DA GRAÇA NA TEOLOGIA PENTECOSTAL ASSEMBLEIANA

Jonas Roberto Santin¹

RESUMO

A Doutrina da Graça é praticada pela Teologia Pentecostal Assembleiana? Em contraste com outros seguimentos teológicos, dá a impressão que no Pentecostalismo a “graça” não é muito evidenciada. Alguns pensam que é até negligenciada ao ponto de surgir o questionamento: qual é o papel da Graça na Teologia Pentecostal? No entanto, ao passo que na Teologia Reformada, por exemplo, a “graça”, aparentemente, é supervalorizada, colocando-a como se fosse um quarto elemento além dos da Trindade, na Teologia Pentecostal, em especial a Assembleiana, é entendida como sendo a manifestação de Jesus Cristo à humanidade, favor imerecido aos homens, procedente de Deus Pai, a fim de que todos possam alcançar a salvação.

Palavras-chaves: Graça; Teologia; Pentecoste; Salvação.

ABSTRACTY

Is the Doctrine of Grace practiced in Assemblian Pentecostal Theology? In contrast to other theological segments, it seems that in Pentecostalism "grace" is not much in evidence. Some people think that it is even neglected to the point that the question arises: what is the role of grace in Pentecostal Theology? However, whereas in Reformed Theology, for example, "grace" is apparently overvalued, as if it were a fourth element in addition to those of the Trinity, in Pentecostal Theology, especially Assemblian Theology, it is understood as the manifestation of Jesus Christ to mankind, undeserved favor to men, coming from God Father, so that all may attain salvation.

Key-words: Grace; Theology; Pentecost; Salvation.

INTRODUÇÃO

O presente artigo enfoca a questão envolvendo a “graça” na Teologia Pentecostal Assembleiana. Os textos bíblicos trazem a doutrina da “graça” como uma realidade presente desde a fundação do cristianismo. Ela é vista na pessoa de Jesus quando estava encarnado e realizando seu ministério terreno (Lc 4.22; Jo 1.14,17), nos ensinamentos dos apóstolos (At 15.11;

¹ Doutorando em Teologia pela ACU/USA. Mestre em Teologia pela Faculdades EST. Pós-graduado em Docência do Ensino Superior pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pós-graduado em Docência do Ensino Religioso pela UNIBF. Pós-graduado em Direito Militar pela Universidade Castelo Branco. Pós-graduado em Polícia Judiciária Militar pelo Instituto Venturo. Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica de Boa Vista. Licenciado em Pedagogia pela UNIBF. Graduado em Gestão Pública pela Escola de Instrução Especializada. Professor do curso de Teologia da UNINTER nas disciplinas de Escatologia. Professor do programa de Carga Horária Complementar do curso de Teologia da UniFil. Professor e diretor da Escola Teológica de Capacitação. Atua como pastor auxiliar da Assembleia de Deus em Imperatriz-MA.

Rm 3.24; 1 Co 3.10; 2 Co 6.11; Gl 1.6; Ef 2.5; Tt 2.11; 2 Pe 3.11) e na vida histórica e contemporânea da igreja.

A questão principal está contida no fato de que igrejas de raiz tradicional evidenciam muito mais a “graça” em suas liturgias e teologia, quando comparado com as igrejas pentecostais, neste caso, e em especial, a Assembleia de Deus, onde, aparentemente, parece ser menos difundida tal doutrina.

Sendo assim, o objetivo é analisar o papel da “graça” na Teologia Pentecostal Assembleiana.

1. CONCEITO DE GRAÇA

“Graça e paz” ou “a paz do Senhor?” Duas saudações cristãs entre os evangélicos, porém, elas denunciam, no geral, qual é a corrente teológica que o saudador pertence. Os pentecostais, também no geral, usam a saudação “a paz do Senhor”, sendo que, as igrejas da Teologia Reformada preferem a saudação “graça e paz”.

Por que a preferência dos que seguem a Teologia Reformada por esse tipo de saudação? Isso aponta para o papel que eles dão à Doutrina da Graça. Já no seio Pentecostal, a Graça está presente, porém, há uma importância, “talvez” menor. Isso não significa que na Teologia Pentecostal ela é excluída, pelo contrário, ela é compreendida, ensinada, pregada, cantada, crida e vivida de maneira diferente.

Buscando uma definição etimológica da palavra graça, encontra-se no grego bíblico a palavra *charis* (χάρις), ao passo que no texto hebraico a palavra base é *Hen*.

Para Vine (2003, p. 679, 680)², o termo grego *charis* significa:

[...] aquilo que dá ou ocasiona prazer, deleite, ou produz consideração favorável [...] por parte do doador, a disposição graciosa ou amigável da qual procede o ato benevolente, graciosidade, ternura, clemência, a boa vontade em geral [...] especialmente com referência ao favor divino ou “graça” (por exemplo, At 14.26); sob este aspecto, há ênfase em sua liberdade e universalidade, seu caráter espontâneo, como no caso da misericórdia redentora de Deus, e o prazer ou alegria que ele designa para o recipiente; desta forma, é posto em contraste com dívida (Rm 4.4,16), com obras (Rm 11.6), e com lei (Jo 1.17).

Já Perlman (1996, p. 151)³, leciona que o termo grego graça é:

2 VINE, W.E. *Dicionário Vine: o Significado Exegético das Palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002

3 PERLMAN, M. *Conhecendo as Doutrinas da Bíblia*. São Paulo: Vida, 1996

Primeiramente, favor, ou a disposição bondosa da parte de Deus. Alguém a definiu como a “bondade genuína e favor não recompensados”, ou “favor não merecido”. Dessa forma a graça nunca incorre em dívida. O que Deus concede, concede-o como favor; nunca podemos recompensá-lo ou pagar-lhe.

A Bíblia de Estudo Palavras Chave (2009, p. 1644)⁴, define no hebraico bíblico a palavra graça, utilizada no Antigo Testamento, como sendo *Hen*, que é um “substantivo masculino que significa mercê, graça, aceitação [...] e uma posição especial ou privilégio para com Deus ou com as pessoas”.

O Apóstolo Paulo em suas saudações iniciais, ao escrever uma carta, fazia uso de duas tradições, a grega e a hebraica. Quando ele escreveu “graça e paz” usou uma palavra grega e outra hebraica. Nesse sentido, Beacon (2006, p. 34)⁵, ao explicar a saudação tradicional de Paulo em suas cartas, assim define o significado de graça:

A saudação normal de uma carta grega antiga era simplesmente a palavra *chairein* (saudações). Paulo usa uma palavra similar, *charis* (**graça**), que significa o favor gratuito e imerecido que nos é concedido por Deus, e acrescenta *eirene* (**paz**), a serenidade interior e o sentimento de um homem de bem pela graça de Deus. Como paz (hebr. *shalom*) era a saudação normal judaica, **graça e paz**, a saudação de Paulo em todas as suas cartas combina as formas grega e hebraica de saudação.

Esequias Soares, um dos autores do livro Teologia Sistemática Pentecostal (2008, p. 76)⁶, dá uma definição de “graça” de forma sucinta, não etimológica, porém, bem teológica. Ele define que “[...] a graça é o favor imerecido de Deus para com o pecador [...]”, e nada mais do que isso, em se tratando de definição.

O livro, supramencionado, considerado como um manual da doutrina Pentecostal Assembleiana brasileira, parece que definiu “graça” com muita pouca propriedade, em comparação às definições encontradas na Teologia Reformada. No entanto, em todo o livro a graça sempre está presente, quer nas ações salvíficas, em dons espirituais ou até mesmo no sentido de gratidão.

Na Declaração de Fé das Assembleias de Deus, no Capítulo X que trata sobre a Doutrina da Salvação, na Teologia Assembleiana Pentecostal (2019, p. 113)⁷, a Doutrina da “Graça” é interpretada e definida como sendo “[...] um favor imerecido”.

Ainda, é necessário apontar que no Credo da Assembleia de Deus, em seus dezesseis tópicos, não é mencionado a Doutrina da Graça.

Assim, surge a pergunta: afinal, qual é o papel da “graça” na Teologia Pentecostal Assembleiana?”

2. DIFERENTES INTERPRETAÇÕES DA DOCTRINA DA GRAÇA

4 Bíblia de Estudo Palavras Chave Hebraico e Grego. Rio de Janeiro: CPAD, 2011

5 GREATHOUSE, W.M. et.al. *Comentário bíblico beacon*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006

6 GILBERTO, A. et al. *Teologia sistemática pentecostal*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008

7 SILVA, Esequias Soares da, org. *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2019

A intenção não é criticar aqueles segmentos protestantes que divergem da compreensão da “Graça” em relação ao entendimento pentecostal assembleiano, e sim, elencar os pontos de discordâncias, a fim de conhecimento e comparações.

Que há interpretações e conceitos diferentes entre denominações cristãs, isto é fato. O cerne disso tudo teve origem na Reforma Protestante e com alguns pós reformadores. Portanto, o eixo principal está entre o calvinismo e o arminianismo.

2.1. A gênese da Teologia Assembleiana

Se buscado no passado bem distante, pode-se notar que a origem da Teologia Assembleiana remonta à época dos pais da Igreja. No entanto, a intenção é trazer uma origem mais contemporânea, ou seja, pós-reforma.

A Reforma Protestante foi, na verdade, uma reforma teológica e pouca litúrgica. Reformando a teologia que estava na contramão da Bíblia, criou-se o ambiente para, posteriormente, ocorrer o movimento Pentecostal de cunho mundial. Enquanto a teologia não estivesse alinhada com os ensinamentos bíblicos, não poderia haver movimento pentecostal na igreja como um todo, visto que, sempre houve pequenos grupos de remanescentes que, mesmo no período mais sombrio da igreja, mantiveram o fervor espiritual.

A teologia Assembleiana tem seus fundamentos em Jacó Armínio. Armínio foi um teólogo holandês (1560-1609), enquanto estudava em Genebra, teve como professor Teodoro de Beza (1519-1605), que fora discípulo de Calvino. Após a formação, Armínio contestou muitos ensinamentos de seu professor (Beza), em especial, a doutrina da salvação calvinista. No período de 1588 a 1603, pastoreou uma Igreja em Leyden e passou a duvidar de alguns princípios do calvinismo. Sendo assim, passou a destacar a supremacia das Escrituras, que a morte expiatória de Cristo era universal e que os seres humanos tinham o livre-arbítrio e os que aceitam a fé são então chamados de eleitos.

Em relação à posição teológica de Armínio com Beza, McAlister (2018, p. 89)⁸ registra que:

Entre os alunos de Beza na Academia destacou-se um jovem promissor, Jacó Armínio. Este, porém, não concordava com a teologia de seu mentor. Após a formatura e enquanto era pastor em Amsterdã, na Holanda, Armínio levantou vários pontos de divergência com Beza.

8 MCALISTER, W. *O pentecostal reformado*. São Paulo: Vida Nova, 2018

Dentre os pontos levantados por Armínio, estava a questão da “Salvação pela Graça”, o que até aos dias de hoje, se mostra divergente em vários pontos com o calvinismo. Assim, a Assembleia de Deus, por ter entendido que a posição de Armínio, em relação à salvação, era a que representa melhor a Soteriologia bíblica, adotou esse posicionamento e que de fato, se distancia do pensamento calvinista.

Após a morte de Armínio, uns em torno de quarenta alunos seus escreveram um manifesto que ficou conhecido (chamado) por “Remonstrância”, dirigido às autoridades civis holandesas, a fim de debaterem as questões levantadas por Armínio e o calvinismo, sendo que o segundo, já havia sido adotado no país. Vale ressaltar que naquela época e naquele país, as divergências eram tratadas como questão de ordem civil. O calvinismo venceu o debate, fixando-se como a doutrina dominante. Como consequência da perda no debate teológico, a Holanda criou um documento oficial denominado de “*Cânones de Dort*” e também, banuiu os arminianos do país.

McAlister (2018, p. 89)⁹, afirma que “anos depois, a doutrina de Armínio foi revista e abraçada por muitos grupos evangélicos diferentes, a saber: metodistas, batistas e, bem mais tarde, pelos Pentecostais”.

Nesse cenário histórico, surgiu John Wesley (1703-1791), um teólogo e pastor inglês que deu origem ao segmento Metodista, adotando a teologia defendida por Armínio e rejeitando, no que tange à salvação, a doutrina calvinista.

Ainda na busca de apresentar onde surgiu a Teologia assembleiana, além de adotar a doutrina de Jacó Armínio, outro movimento importante que agregou na formação da teologia das Assembleias de Deus, foi o movimento da Teologia Dispensacionalista.

2.2. O Dispensacionalismo e sua influência na Teologia Assembleiana

A doutrina Assembleiana, no geral, é dispensacionalista. O período formativo do dispensacionalismo teve como expoente o teólogo John Nelson Darby. Ele era um sacerdote da Igreja da Irlanda, no entanto, deixou seu cargo por notar que havia apostasias naquele seguimento do cristianismo. Saindo de sua Igreja se uniu a um movimento à época conhecido como os Irmãos de Plymouth.

9 MCALISTER, 2018

Sawyer (2009, p. 409)¹⁰, escreve sobre o período formativo da Teologia Dispensacionalista e ao se referir a Darby, assim esclarece:

John Nelson Darby (1800 – 1882), sacerdote da Igreja da Irlanda, abandonou o cargo em razão da apostasia que percebeu naquela Igreja. Darby então se uniu ao movimento que mais tarde ficou conhecido como os Irmão de Plumouth. Ali, desenvolveu uma eclesiologia diferencial. Ele acreditava que a Igreja não deveria ser identificada com nenhuma instituição, porque era uma comunhão espiritual. A eclesiologia de Darby tornou-se catalisador do dispensacionalismo como sistema.

Dando prosseguimento na pregação e aperfeiçoamento da Teologia Dispensacionalista, surge após Darby, Cyrus Ingerson Scofield, que abraçou a fé em Cristo no ano de 1879, três anos antes da morte de Darby, e em 1909 publicou a famosa Bíblia de Referência Scofield, que se tornou um *Best-Seller* difundindo seu entendimento dispensacionalista para todo o mundo.

Sawyer (2009, p. 410)¹¹ escreve o seguinte sobre essa publicação de 1909:

[...] mais foi só quando C.I. (Cyrus Ingerson) Scofield publicou a Bíblia de Referência de Scofield (1909) que emergiu um entendimento único e coeso do dispensacionalismo. A popularidade da Bíblia de Scofield converteu-a no instrumento mais importante na disseminação do ensino dispensacionalista e de fato estabeleceu o entendimento de Scofield como o modo correto de pensar o dispensacionalismo (para muitos, o único meio correto de interpretar a Bíblia).

Diversos Teólogos deram sequência à doutrina dispensacionalista, até a contemporaneidade, entre os quais podem ser citados: Lewis Sperry Chafer, J. Dwight Pentecost, Charles Caldwell Ryrie, Nels Lawrence Olson, Antônio Gilberto da Silva e na atualidade, Ciro Sanches Zibordi, evidentemente que há muitos outros.

O dispensacionalismo é uma forma de interpretação (hermenêutica) bíblica que divide a história da humanidade em períodos. Cada período tem sua maneira de como o ser humano se achegar a Deus e alcançar a salvação (Inocência, Consciência, Governo Humano, Patriarcal, Lei Mosaica, Evangelhos (Graça) e Milênio).

Ao todo o Dispensacionalismo divide a história da humanidade em sete dispensações, sendo que a sexta, portanto, a penúltima é a “Dispensação da Graça”, ou também, Eclesial. É o período que vai da cruz de Cristo até a implantação do Milênio, sendo o Milênio a sétima e última dispensação.

10 SAWYER, M. James. *Uma introdução à teologia*: das questões preliminares, da vocação e do labor teológico. São Paulo: VIDA, 2009

11 SAWYER, 2010

No livro *Teologia Sistemática Pentecostal* (2008. p. 536)¹², que é considerado um manual da Teologia Assembleiana, o capítulo escrito pelo teólogo dispensacionalista Ciro Sanches Zibordi, ao tratar das dispensações, o autor explica:

O Reino Milenial é também a última dispensação: a da —plenitude dos tempos— se bem que alguns ainda insistem em dizer que não há na Bíblia a doutrina das dispensações, e que elas foram —fabricadas— pelos dispensacionalistas. Ora, um exame sem preconceito de algumas passagens Bíblicas é suficiente para nos convencer de que o Senhor através dos tempos tem empregado diferentes maneiras de tratar com a humanidade, estando embutidas nisso as dispensações e alianças (cf. Gn 2.15-17; 3.9-24; 9.8-17; 12.1-3; Ex 20—23; Dt 28; Jo 1.17).³⁵

A Teologia Assembleiana é, necessariamente, Dispensacionalista e isso é tão presente em sua teologia, que a Declaração de Fé das Assembleias de Deus (2019, p. 168)¹³, ratifica a crença na sexta Dispensação, a da “graça.”

Isso mostra que o Pentecostes foi o início da dispensação do Espírito Santo, (conhecida também como Dispensação da Graça ou da Igreja) e que a efusão do Espírito seria na sua plenitude nos —últimos dias, os dias em que estamos vivendo.

Com o exposto até aqui, percebe-se que a “graça” faz parte da Teologia Assembleiana, no entanto, diverge da Teologia Calvinista em vários pontos.

2.3. O Pentecostalismo e sua influência na Teologia Assembleiana

O último ponto para a formação da Teologia Assembleiana foi o movimento Pentecostal.

Este movimento teve seu ponto forte em Los Angeles no início do século XX. Como o foco deste artigo não é falar do movimento pentecostal em si, porém, da influência dele na formação da Teologia Assembleiana Pentecostal, a citação de Erickson (1992, p. 359)¹⁴ é suficiente como dado histórico:

A verdadeira explosão do pentecostalismo, no entanto, ocorreu nas reuniões organizadas por um pregador negro que difundia a santidade, William J. Seymour. Essas reuniões eram realizadas numa antiga igreja metodista localizada na Rua Azusa, 312, em Los Angeles, passando, por conseguinte, a ser mencionadas como as reuniões da Rua Azusa. A partir desse início, o fenômeno pentecostal difundiu-se pelos Estados Unidos e pelos outros países, especialmente pela Escandinávia. Em anos recentes, o pentecostalismo desse tipo tornou-se uma força poderosa na América Latina e em outros países do Terceiro Mundo.

No Pentecostalismo a “Graça” não foi uma doutrina deixada de lado, ao contrário, foi entendida e ainda é ensinada e crida. As manifestações dos dons espirituais, uma das características do pentecostalismo, não excluiu a “Graça” de dentro do seio da igreja. Os Pentecostais abraçaram a doutrina das dispensações de Darby, e neste contexto, creem, ensinam

12 GILBERTO, 2008

13 SILVA, 2019

14 ERICKSON, M. J. *Introdução à teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1992

e vivem a esperança de serem salvos pela “Graça” de Deus, ao ponto de crer na Dispensação da Graça.

Um casamento perfeito foi o Dispensacionalismo com o Pentecostalismo. Viver o período da “graça – Dispensação da Graça” envolto com as manifestações dos dons espirituais, é resgatar a origem do Cristianismo primitivo. Nesse sentido, Esequias Soares, um dos autores do livro Teologia Sistemática Pentecostal (2008, p. 52)¹⁵, faz a associação entre esses dois movimentos tão importantes na formação da Teologia Assembleiana:

Uma das características da dispensação da graça é o fato de Deus se comunicar com cada crente de modo individual, independentemente de sexo ou faixa etária — por meio de sonhos, visões, profecias e até pequenas coisas naturais do dia-a-dia (cf. At 2.17,18). Tais privilégios, nos tempos do Antigo Testamento, restringiam-se aos profetas ou a alguém escolhido para uma obra específica (Nm 12.6).

A Teologia Pentecostal Assembleiana foi formada por esses três principais eventos teológicos e espirituais: a Reforma Protestante, a Teologia Dispensacionalista e o movimento Pentecostal. Ressalta-se que em momento algum a Doutrina da “Graça” foi excluída do seio assembleiano. Ela tem o seu valor doutrinário reconhecido.

O que ocorre é que as igrejas de tradição teológica Reformada, dão uma ênfase maior a Doutrina da “Graça”, em relação a Assembleia de Deus e outras denominações Pentecostais.

Sendo assim, surge mais uma vez a pergunta: qual é o papel da “Graça” na Teologia Pentecostal Assembleiana?

3. O PAPEL DA GRAÇA NA TEOLOGIA PENTECOSTAL ASSEMBLEIANA

Em resposta à pergunta, torna-se necessário fazer uma comparação, mesmo que não seja o objetivo principal deste artigo, entre o papel da “Graça” na Teologia Reformada e o papel da “Graça” na Teologia Pentecostal, em especial a Assembleiana.

A Teologia Reformada, que em geral no Brasil, é adotada por três seguimentos denominacionais: as igrejas de pensamento Luterano, as Calvinistas e a Anglicana. No seguimento Calvinista, podem ser citadas a Igreja Presbiterana, Anglicana, algumas Batistas entre outras.

Nestas denominações o papel da “Graça” parece ganhar mais destaque, ao ponto de ser considerado como se fosse um “quarto elemento”. Ou seja, existe o Pai, o Filho, o Espírito

15 GILBERTO, 2008

Santo e a Graça. A “graça” seria o elemento salvador. Pohl (1999, p. 47)¹⁶, dá uma explicação da “graça” na visão da Teologia Reformada:

[...] Ao ouvirem a palavra “graça” (*charis*), os leitores do grego certamente também tinham no ouvido a origem terminológica: *chara*, o “alegrar-se”. Graça é, portanto, uma experiência caracterizada pela alegria que causa. Pois, para recebê-la, não existe, por parte do receptor, nem pressuposto, nem preparo, nem expectativa. Ela sobrevém como presente puro. Ela jorra surpreendentemente do mundo de Deus sobre nós, como Criação do alto (v. 17).

Aparentemente a explicação aponta a “Graça” como uma criação. Algo que existe de forma distinta, viva e pessoal. Pohl (1999, p. 49)¹⁷, continua em sua explanação, deixando mais claro, na visão Reformada, que a “Graça” precede a fé humana, ou seja, não é a fé em Deus, ou em Cristo, ou ainda, na Palavra de Deus que fortalecerá e firmará o homem a Deus, e sim o agir da “Graça”:

De acordo com Rm 10.17, nem mesmo o surgimento da fé principia com um ato de força humano. Não é o ser humano que lança com toda a força uma corda para o céu, até que engate firme, mas é Deus quem vem num ato de graça até o ser humano e “tece os laços” do namoro. Instado, atingido e abraçado o ser humano por Deus, surge a fé humana.

Bem certo que aqui está a visão da predestinação, porém, a “Graça”, na visão Reformada, inicia o processo de salvação em busca pelo pecador, para só então, após ele ser encontrado gerar a fé salvífica. Como se a “Graça” agisse por conta própria, buscando os pecadores.

Como o propósito aqui é focar no papel da “Graça” na Teologia Pentecostal Assembleiana, ela é apresentada de forma mais simples e, necessariamente, como uma ação por parte de Deus, e não como um elemento que age por si só.

Pearlman (1996, p. 170)¹⁸, traz uma explicação de “graça” na ótica da Teologia Pentecostal Assembleiana:

[...] a lei significa que algo deve ser feito pelo pecador; não podendo pagar a dívida ou cumprir a exigência da lei, ele permanece cativo pelo pecado. Por outro lado, graça significa que algo foi feito a favor do pecador... a obra consumada do Calvário. Conforme o pecador crê no que foi feito a seu favor, assim ele recebe o que foi feito. Sua fé tem um poderoso aliado na Pessoa do Espírito Santo, que habita nele.

A “Graça” não existe sem a obra de Cristo na cruz. Portanto, “Graça” é a **ação** do Pai, em enviar o seu único Filho para morrer pelos pecadores. Tal ação caracteriza o favor imerecido de Deus para com o homem pecador. Isto é, o pecador não merecia que Jesus morresse por ele, contudo, Deus, o Pai, mesmo assim O enviou.

16 POHL, A. *Carta aos romanos* – comentário esperança. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1999

17 POHL, 1999

18 PERLMAN, 1996

Pearlman (1996, p. 188), continua a explicar o papel da “graça” na Teologia Pentecostal:

A graça de Deus aos pecadores revela-se no fato de que ele mesmo pela expiação de Cristo, pagou toda a pena do pecado. Por conseguinte, ele pode justamente perdoar o pecado sem levar em conta os merecimentos ou não merecimentos. Os pecadores são perdoados, não porque Deus seja benigno para desculpar os pecados deles, mas porque existe redenção mediante o sangue de Cristo. (Rm 3.24; Ef 1.6).

A “graça” não é um elemento com vida própria, ela é a manifestação de Jesus para salvar a humanidade. Jesus é a manifestação da graça salvadora de Deus. Uma referência bíblica da doutrina da “graça”, sendo que a palavra “graça” é encontrada 196 vezes somente no Novo Testamento (ARC), e em Efésios 2.8, Paulo enfatiza que a salvação é pela “graça”, por intermédio da fé em Cristo Jesus que foi um presente (imerecido) de Deus para a humanidade.

No versículo, o apóstolo usa a variante grega *charis* para a palavra “graça”, no sentido de generosidade por parte de Deus ao ser humano, aceitando-o por intermédio da obra de Seu Filho Jesus Cristo, como um “dom”, ou seja, *dōron* que significa, no grego bíblico, um sacrifício, uma oferta, um presente.

Em momento algum a salvação pela “graça” atribui méritos às obras humanas. Não é pela obras que alguém chegará à salvação, e sim, pela “graça” de Deus, mediante a fé em Cristo Jesus (Rm 3.23;24). Antônio Gilberto, no livro Teologia Sistemática Pentecostal (2008, p. 354)¹⁹, ao resumir a salvação pela “graça”, ele explica que “[...] a graça de Deus é o dom da salvação em Cristo, como dádiva de Deus ao pecador, indigno e merecedor do justo juízo de Deus (Tt 2.11)”.

Ao se compreender a doutrina da “graça”, explicada na Teologia Pentecostal Assembleiana, pode-se verificar que Deus não escolhe uns para a salvação e outros para a perdição. Cabe ao homem fazer a escolha, podendo, se desejar, resistir à “graça” de Deus ou aceitá-la. A doutrina Assembleiana não crê na teoria da “graça irresistível”, conforme ensinada na Teologia Reformada, em especial, a Calvinista, que a “graça” é irresistível e por isso é impossível perder a salvação, criando a expressão: “uma vez salvo, sempre salvo”. No entanto, essa salvação seria somente para os escolhidos (predestinados), em que Jesus somente teria morrido por esses. Basta dar uma lida na Bíblia para verificar que não se sustenta a doutrina de que Jesus morreu somente pelos tais escolhidos. Jesus morreu por todos (1 Tm 2.4,6; 1 Jo 2.2; 2 Pe 3.9; At 2.21; Tt 2.11; Hb 2.9; Jo 3.15,16; 2 Co 5.14; Ap 22.17).

19 PERLMAN, 1996

A Teologia Assembleiana não supervaloriza a doutrina da “graça” a ponto de diminuir o livre-arbítrio do ser humano, diferentemente da Teologia Reformada que sim, supervaloriza a “graça” em detrimento do livre-arbítrio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há de se pensar que a Teologia Pentecostal Assembleiana descartou a doutrina da “graça”, ao contrário, ela está presente nas pregações, nas letras de louvores, nos escritos de documentos da igreja e acima de tudo, na vida do cristão pentecostal. No entanto, o entendimento é que a “graça” nada mais é do que a manifestação de Jesus como Salvador para a humanidade. Aquele que foi dado pelo Pai para morrer pelos homens pecadores, os quais não eram merecedores de tal favor da parte de Deus.

Assim, as palavras do Apóstolo Paulo a Tito, por exemplo, nunca foram negligenciadas por parte da Teologia Pentecostal Assembleiana: “Porque a graça salvadora de Deus se há manifestado a todos os homens” (Tt 2.11). Neste versículo, a palavra “manifestado”, provém do verbo grego *fanerow*, ou seja, tornar visível, claro, conhecido, e isso só pôde ser consolidado em Cristo Jesus. Desta forma, a Doutrina da Graça na Teologia Pentecostal Assembleiana, crê e aceita que Jesus, o Filho Unigênito do Pai, é a Graça (o favor) manifesta aos homens pecadores e por ela (ou seja, por Cristo) recebem o perdão dos pecados quando a recebem de coração quebrantado e sincero.

REFERÊNCIAS

- Bíblia de Estudo Palavras Chave Hebraico e Grego*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011
- ERICKSON, M. J. *Introdução à teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1992
- GILBERTO, A. et al. *Teologia sistemática pentecostal*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008
- GREATHOUSE, W. M. et al. *Comentário bíblico beacon*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006
- MCALISTER, W. *O pentecostal reformado*. São Paulo: Vida Nova, 2018
- PERLMAN, M. *Conhecendo as Doutrinas da Bíblia*. São Paulo: Vida, 1996
- POHL, A. *Carta aos romanos – comentário esperança*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1999
- SAWYER, M. James. *Uma introdução à teologia: das questões preliminares, da vocação e do labor teológico*. São Paulo: VIDA, 2009
- SILVA, Esequias Soares da, org. *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2019

VINE, W.E. *Dicionário Vine: o Significado Exegético das Palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002